

# Presidente Médici vira

Falta tudo: esparadrapo, algodão e até mercúrio

CORREIO BRAZILIENSE Brasília, sexta-feira, 14 de novembro de 1986

DF - Saúde

19

## O caos sem material

Além disso, 100 leitos estão desativados

Além da falta de material humano evidenciada no Hospital Presidente Médici, na L-2 Norte, depois que cedeu parte de suas acomodações para os pacientes do Hospital de Base enquanto passa por uma reforma em suas instalações, um outro grave problema tem assombrado os médicos e enfermeiros que dão plantão no Serviço de Emergência. É a falta de equipamentos e material para curativos, principalmente os utilizados no atendimento de primeiros socorros.

As denúncias partem de todos os lados, mas nenhum funcionário do Hospital, único do Inamps que serve o Distrito Federal, quer se identificar, temendo represálias. Segundo eles, é grande o número de pacientes que procura o Serviço de Emergência. Após algumas horas de espera acabam sendo encaminhados para outros hospitais, com a desculpa de que o Presidente Médici não tem capacidade para atendê-los, pois "a especialidade em oferecer os primeiros socorros fica mesmo por conta do Hospital de Base".

Em meio a todos os comentários de que "o Presidente Médici deveria fechar, já que não pode atender aos segurados do INPS por falta de médicos e enfermeiras e com grande déficit de material utilizado no atendimento aos pacientes, que vão desde as grandes máquinas de raios X, até gases, algodão, esparadrapo e mercúrio, feitos pelos próprios funcionários do hospital, o diretor Evane Soares, há 45 dias no cargo, nega todas estas informações e se defende dizendo que não passam de especulações. Para Evane escassez de material é genérica e não acontece apenas nos hospitais de Brasília.

"Todo o sistema de saúde no País deve ser reestruturado, reorganizado, para poder cumprir as suas funções". Evane reconhece, no entanto, que no Presidente Médici a deficiência maior é no setor da enfermagem, onde, segundo ele, há uma defasagem grande de material humano, mas que existe um empenho entre o Inamps e a Fundação Hospitalar destinado a pôr um fim nesta situação.

Atualmente, o Presidente Médici tem 450 leitos, dos quais 100 estão desativados em consequência da falta de médicos e enfermeiros. Os 350 leitos à disposição da população estão sujeitos a uma distribuição por especialidade da doença. Mas tem sido constatado, através de informações dos próprios pacientes, que esta divisão não vem sendo respeitada. Assim, na maternidade há mulheres internadas com outras enfermidades.

### EMERGÊNCIA

O Serviço de Emergência do hospital é o mais prejudicado. Lá as equipes de plantão não se esforçam para prestar um atendimento satisfatório aos pacientes, e apresentam a justificativa de que não há material e tampouco recebem orientação para contornar a situação. "Nós mandamos o paciente procurar outro hospital, porque este aqui não tem condições de atender. Alguns ficam irrita-

dos, mas outros já estão acostumados a peregrinar atrás de atendimento em hospital público que nem manifestam insatisfação", conta uma funcionária.

A própria direção do Presidente Médici reconhece que o hospital não é bem dotado para atender os casos emergenciais. O chefe de gabinete, José Uchoa, arremata dizendo que "são poucos os acidentados que procuram o serviço de emergência para os primeiros socorros, o que não quer dizer que não temos material para atendê-los. Temos sim, mas em comparação com o Hospital de Base é claro que eles estão muito melhor abastecidos".

José Uchoa diz ainda que o Presidente Médici tem um almoxarifado em muito boas condições e rebate a afirmativa de que não há material básico para curativos.

### ABSURDO

No entanto, no último sábado, por volta das 22h30, ocorreu no Serviço de Emergência um caso que chamou a atenção das pessoas que estavam a espera de atendimento. Um casal de meia idade foi atropelado por um Fusca há 500 metros do Presidente Médici. Adonias de Araújo faleceu instantaneamente, enquanto que Maria Bernadete Dias de Araújo foi socorrida com fraturas expostas no braço e na perna direita além de muitos cortes na mesma perna e estar perdendo muito sangue.

Já na sala de ortopedia, em cima da maca, a equipe de plantão anunciou que estava com falta de gase e que não poderia proceder com o atendimento. O médico ortopedista, cujo nome a família da vítima não soube dizer, se desesperou e segundo os familiares da mulher ele classificou a falta de material como uma "escassez absurda". "Então me deêm papelão, porque estes ferimentos não podem ficar do jeito que estão" — o braço e a perna da mulher pareciam estar esmagados e caíram

os pedaços de gordura, devido a sua obesidade.

Demonstrando preocupação com o estado de Maria Bernadete, o médico pegou uma caixa de papelão, que estava num canto da sala, e rasgou-a em vários pedaços para poder envolver os ferimentos da vítima. Depois de embrulhados, o médico passou esparadrapo para prender o papelão e encaminhou a acidentada ao Hospital de Base, "onde ela seria atendida dentro dos padrões necessários".

No Hospital de Base, segundo a irmã de Bernadete, Maria Nilzete Dias, os médicos que a atenderam se espantaram com o papelão mas não criticaram o trabalho do colega. "Eles retiram o papelão, enfaixaram com gase e encaminharam Bernadete para o raio X. Eram 23h30 mas minha irmã só foi para a mesa de cirurgia às 4 horas da manhã. Os médicos disseram que as duas salas de cirurgia, que ficam abertas no fim de semana, estavam ocupadas e que as outras não poderiam ser utilizadas. Bernadete reclamava de muitas dores, mas nem assim foi operada", relata Maria Nilzete.

O diretor do Presidente Médici se disse perplexo com o fato ocorrido no hospital e o princípio se recusou a acreditar, tentando encontrar uma justificativa. "Vai ver que o médico usou o papelão para substituir a tala, mas não para fazer o papel de gase. Vocês devem estar enganados, respondeu ele à reportagem ao ser questionado sobre a falta de material para o atendimento no Serviço de Emergência.

"Não estamos em falta de gase. O que deve ter ocorrido é que a gase que fica na sala tinha acabado e a equipe de plantão desavisada, não consultou o almoxarifado, onde temos um plantão dia e noite. Mesmo assim vou apurar este caso para saber o que realmente aconteceu", concluiu Evane Soares saindo de sua sala.

ALDORI SILVA



Evane Soares: escassez de material é especulação